

**O TESOURO DE CONHECIMENTOS DE UM BAIRRO CHAMADO
MARÉ: PESSOAS COMO FONTES DE INFORMAÇÃO**
*KNOWLEDGE TREASURE IN MARÉ NEIGHBORHOOD: PEOPLE AS
INFORMATION SOURCES*

Anderson Morais Chalaça - a.m.c@bol.com.br

Bibliotecário

Grupo PesquisAção na Maré

Isa Maria Freire - isa@ibict.br

Doutora em Ciência da Informação

Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)

Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda - mlmiranda@unirio.br

Doutor em Ciência da Informação

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Resumo

Apresenta o resultado de pesquisa, em nível exploratório, abordando as pessoas, cidadãos comuns, como fontes de informação para uma dada comunidade, na perspectiva da responsabilidade social do profissional bibliotecário. Discorre sobre o campo da pesquisa, o bairro Maré e suas comunidades. Utiliza a metodologia da pesquisa-ação para criar uma equipe de pesquisa e investigar a existência dessas pessoas e sua atuação como fontes de informação na comunidade. Procura dar visibilidade ao “invisível”, identificando onde e como funcionam a busca, recuperação e uso da informação nas pessoas detentoras de conhecimento, em uma dada comunidade. Utiliza a técnica de entrevista estruturada para o registro do conhecimento de uma dessas fontes, seus ofícios e talentos, revelando como adquiriu esse conhecimento e se o transmite para outras pessoas. Apresenta um formato para um sítio virtual contendo o Tesouro de conhecimentos de Comunidades da Maré.

Palavras-chave: Fontes de Informação – Pessoas. Comunicação social – Memória. Gestão da informação. Responsabilidade social.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como base a experiência de um dos autores, morador do bairro da Maré, oriundo da Pastoral da Juventude, e para quem a atuação na comunidade e a possibilidade de fazer algo pela mesma estiveram sempre como metas em sua trajetória existencial. Assim, como uma proposta de retorno do investimento social recebido por esse autor para a sociedade, entre conversas com os orientadores e amigos, sob a perspectiva do usuário explorando o campo da oralidade dentro da Biblioteconomia, é que surgiu o tema “Pessoas como fontes de informação”, os “estoques de informação

dinâmicos” da comunidade.

E junto com o tema, surgiram as questões: Existem os “estoques dinâmicos” na comunidade? Quem são essas fontes, os estoques de informação dinâmicos? Estarão visíveis? Como foram formados e como funcionam, os processos de busca, recuperação e disseminação da informação nesse espaço urbano/humano? Ao tentar responder a essas questões com o presente trabalho, estamos contribuindo para revelá-los? Nossa hipótese na pesquisa é de que estas pessoas podem ser vistas como fontes de informação, constituindo verdadeiro tesouro de conhecimentos para a comunidade. Acreditamos que esta linha de trabalho possa contribuir não somente para dar a conhecer outros tesouros de conhecimentos na Maré como, também e especialmente, para motivar novas pesquisas nesta temática no cotidiano de outras comunidades.

Demonstrando como o conhecimento das pessoas da comunidade local pode ser registrado e salva-guardado como informação para todos posteriores familiares, amigos, vizinhos das comunidades da Maré e de toda a sociedade. Essas pessoas, consideradas aqui como fontes de informação, se atualizam quando têm necessidade, possibilidade e acesso. O que observamos na experiência aqui descrita, foi que esses conhecimentos terminam junto com o ciclo de vida da pessoa, sem registro que possibilite sua permanência na memória da comunidade. Nosso propósito foi experimentar um formato de registro, de modo a transformar estes conhecimentos em informação disponível no espaço virtual, onde as futuras gerações poderão ter acesso ao conhecimento que essas pessoas/fontes produziram, facilitando a produção de novos conhecimentos por outros atores sociais, indefinidamente.

2 BREVE HISTÓRICO DO BAIRRO DA MARÉ

No livro “A origem curiosa das palavras” de Bueno (2003, p.105) encontramos a definição de favela como um “conjunto de habitações rústicas, com pouca ou nenhuma infra-estrutura urbana e carente de serviços públicos, como recolhimento regular de lixo”. O autor nos fornece também uma origem da palavra favela, advinda de vegetação existente no atual Morro da Providência, na cidade do Rio de Janeiro, que produzia um tipo de fava da qual favela seria o diminutivo. Entretanto, esta definição não deve ter contribuído para a denominação de favela à Maré que, assim como ocorre com outros bairros populares do Rio de Janeiro, é visivelmente desprovida de serviços públicos

como segurança, saúde, educação, bens culturais, entre outros.

A Maré é um bairro criado pela lei municipal 2.119, de 19 de janeiro de 1994 (RIO DE JANEIRO, 1994, p.35) e como tal tratamos no decorrer da pesquisa. O bairro Maré é composto por dezesseis comunidades e está localizado próximo às principais vias expressas da cidade do Rio de Janeiro: a Avenida Brasil, a Linha Vermelha e a Linha Amarela. Com base no que nos foi revelado por moradores do bairro e sítios eletrônicos do Ceasm (2006) e Favela tem memória (2006), apresentamos a seguir as 16 comunidades que constituem o bairro Maré e seus respectivos anos de fundação:

- Morro do Timbau, 1940. O nome Timbau vem do tupi-guarani "thybau", que quer dizer "entre as águas". Toda a área onde hoje estão localizadas as comunidades havia um grande terreno pantanoso — a ponta do thybau era uma das únicas localidades em terra firme. Sua ocupação data do início dos anos 1940, segundo registros de Dona Orosina Vieira, que morou durante toda sua vida na comunidade e se tornou uma personagem importante chegando a ser recebida pelo então Presidente da República Getúlio Vargas no Palácio do Catete. A Associação de Moradores do Morro do Timbau, criada em 1954, foi a primeira da Maré e também a terceira em todo o Rio de Janeiro;

- Baixa do Sapateiro, 1947. Nasceu sobre palafitas no fim da década de 1940. Alguns moradores acreditam que a origem de seu nome decorre da área ter sido propriedade de um morador de Bonsucesso, bairro adjacente à Maré, onde morava um português que além de zelador trabalhava como sapateiro. Para outros moradores, o nome nasceu de um jargão policial da época. Por ser um local com alto índice de incursões policiais e seus moradores serem, em sua maioria, migrantes nordestinos ("baianos", na gíria carioca), o nome "Baixa do Sapateiro" seria uma analogia à região, de mesmo nome, da cidade de Salvador, vista como bastante violenta. Existe, também, uma versão que explica o nome pela localização na parte de baixo do Morro, onde se encontrava uma vasta vegetação de mangues, entre elas uma conhecida como "Sapateiro", de onde teria advindo o nome;

- Conjunto Marcílio Dias, 1948. O processo de ocupação teve início quando oito famílias de pescadores construíram palafitas. Situada entre a Casa do Marinheiro e a fábrica da Kelson, a comunidade de Marcílio Dias já foi conhecida como Praia das Moreninhas;

- Parque Maré, 1953. Em 1950 sobre o mangue, foram construídos os primeiros barracos. A comunidade cresceu desde então, e hoje são quase 30 mil habitantes em cerca de 4 mil domicílios. As ruas são calçadas e a comunidade dispõe de relativa infraestrutura, sendo que as casas de madeira praticamente desapareceram;

- Parque Roquete Pinto, 1955. Uma série de aterros realizados pelos moradores deu origem ao Parque Roquete Pinto. A área, originalmente um manguezal, foi tomada por palafitas. O processo de urbanização fez com que surgissem casas de alvenaria. A comunidade possui um Ciep e duas escolas públicas convencionais;

- Parque Rubens Vaz, 1961. A ocupação começou em 1951, quando a quantidade de areia drenada do Canal da Portuária ainda causava muitos problemas aos moradores. Em situação bem diferente hoje, o Parque Rubens Vaz tem cerca de 15 mil habitantes em aproximadamente 1.200 domicílios. Conta também com um comércio variado, Ciep, posto de saúde e terminal de ônibus;
- Parque União, 1961. A comunidade nasceu de loteamento planejado por um advogado que tinha como projeto criar um bairro popular com boa infra-estrutura urbana. Hoje tem cerca de 30 mil habitantes, estabelecimentos comerciais de pequeno porte, supermercado, várias creches e um Ciep;
- Nova Holanda, 1962. Removidos da Favela do Esqueleto, do Morro da Formiga e das margens do Rio Faria Timbó, os primeiros moradores chegaram e foram alojados "provisoriamente" pelo Governo do Estado em casas de madeira. Acabaram ficando definitivamente no local;
- Praia de Ramos, 1962. Inicialmente foi ocupada por pescadores. A comunidade que antes era conhecida como Praia de Maria Angu está localizada próxima ao quartel do 24º Batalhão de Infantaria, na Av. Brasil. Hoje são aproximadamente mil domicílios e quase 4 mil habitantes. Os moradores dispõem de um comércio de pequeno porte, dois postos de saúde, duas escolas, um posto policial e uma unidade da Fundação Leão XIII;
- Conjunto Esperança, 1982. É a primeira comunidade no sentido centro-zona norte da cidade do Rio de Janeiro. Está localizada próximo do prédio de expansão da Fundação Oswaldo Cruz, antigo Ministério da Saúde, na Avenida Brasil, como grande parte das comunidades da Maré. A Comunidade, que nasceu em 1982, é fruto do Projeto Rio. O Projeto Rio foi um grande projeto de habitação do governo federal, financiado pelo extinto Banco Nacional de Habitação (BNH) e o Conjunto Esperança nasceu no meio de incursões políticas, fundada pelo então governador, Chagas Freitas;
- Vila do João, 1982. Vizinha da comunidade Conjunto Esperança, viria a existir a comunidade da Vila do João, tendo sido fundada pelo então Presidente da República João Baptista de Oliveira Figueiredo, de quem recebeu o nome. Atualmente tem cerca de 4 mil domicílios, com aproximadamente 12 mil moradores, posto de saúde, escola municipal e um comércio bem diversificado.
- Vila do Pinheiro, 1983. O início da construção da Vila do Pinheiro foi marcado pelo aterro da Ilha do Pinheiro, em 1980. Trata-se de um conjunto habitacional com 2300 casas, que hoje abriga mais de 16 mil pessoas. Foi outra comunidade formada pelo Projeto Rio, do Governo Federal;
- Conjunto Pinheiro, 1989. O conjunto tem histórico semelhante a sua comunidade vizinha, Vila do Pinheiro. O Conjunto também foi construído sobre a área aterrada da Ilha do Pinheiro, em 1980. Foi mais uma comunidade formada pelo Projeto Rio, do Governo Federal;
- Conjunto Bento Ribeiro Dantas, 1992. É uma das comunidades mais novas do bairro

Maré. Reúne um pouco mais de 600 unidades habitacionais e uma população estimada em 3 mil habitantes;

- Nova Maré, 1996. A remoção de moradores que viviam em palafitas no Parque Roquete Pinto e na favela conhecida como Kinder Ovo, deu origem à comunidade da Nova Maré. O conjunto habitacional foi inaugurado em 1995 e atualmente conta com mais de 620 casas;

- Salsa e Merengue, 2000. Essa comunidade, oficialmente conhecida como Novo Pinheiro, é um conjunto habitacional inaugurado pela prefeitura em 2000. Possui histórico e características próprias, mas o fato de ainda não ter Associação de Moradores a faz ser incluída, tradicionalmente, na Vila Pinheiros;

As histórias são muitas, pois cada comunidade possui uma em particular. E é desse conjunto de comunidades que é formada a história da Maré, desde a antiga colônia de pescadores do Morro do Timbau até a colorida comunidade Salsa e Merengue. Segundo os dados do Censo Demográfico do IBGE (2000), a população da Maré é constituída por 113.807 moradores, ou por 132.176 moradores (segundo o Censo Maré de 2000) distribuídos entre suas dezesseis comunidades. Este é o espaço geográfico, econômico, social, político e cultural que abordamos neste artigo, o nosso quadro de referência empírico. Nele habitam as pessoas que guardam o tesouro de conhecimentos da comunidade, suas fontes de informação mais valiosas.

3 PESSOAS, FONTES DE INFORMAÇÃO

Ao buscar uma literatura que aborda pessoas como fontes de informação não pretendíamos fazer análise dos conhecimentos registrados, apenas apresentar o tesouro de conhecimento da comunidade, dando visibilidade às fontes de informação representadas por alguns dos moradores, utilizando como conceito de Fontes de informação “qualquer recurso que responda a uma demanda de informação por parte dos usuários, incluindo produtos e serviços de informação, pessoas ou rede de pessoas, programa de computador, etc.” (O QUE são..., 2006. Grifo nosso). Ademais, nosso propósito era – e ainda é – encontrar evidências para mostrar que essas pessoas, fontes de informação “invisíveis”, são também agentes de informação, ou mediadores, “na transferência da informação entre um estoque de conhecimento, acumulado e disponível na sociedade, e um usuário que necessita de conhecimento no seu processo de desenvolvimento pessoal e social” (PEREIRA e FREIRE, 1998).

A nosso ver, essas pessoas detêm conhecimento e atuam na mediação ou transferência da informação, tal como um bibliotecário e outros profissionais da informação. Por sua vez, o bibliotecário teria uma função social na mediação da informação, seu registro e disseminação, bem como na visibilidade desse tesouro de conhecimento da comunidade, representado pelas pessoas/fontes. Assim, a organização e disponibilidade desses “estoques” em “agregados”, como o que propomos para a Internet, podem ser incluídos nessa função social.

[Os] agregados representam os diferentes estoques que nossas estruturas significantes de informação podem assumir, tais como, acervo em geral bibliotecas ou outro centro de informação/documentação, bases de dados ou estoques em qualquer outro meio eletrônico, redes de informação (BARRETO, 1996, p.3)

Em consonância com a abordagem de Pereira e Freire (1998), acrescentamos as pessoas. Nesse sentido, entendemos que a criação de um sítio virtual que disseminasse o tesouro de conhecimento da comunidade poderia contribuir para visibilidade e reconhecimento dessas pessoas/fontes de informação, umas com as outras, em suas próprias comunidades e em espaços diversos. Pois, como podemos ver em Freire (2001, p.105),

[...] embora a informação sempre tenha sido uma poderosa força de transformação, o capital, a tecnologia, a multiplicação dos meios de comunicação de massa e sua influência na socialização dos indivíduos deram uma nova dimensão a esse potencial. (FREIRE, 2001, p.105)

Nessa perspectiva, da produção da informação e do seu uso na sociedade, colocamos a seguir as questões que contribuíram para construção do marco teórico.

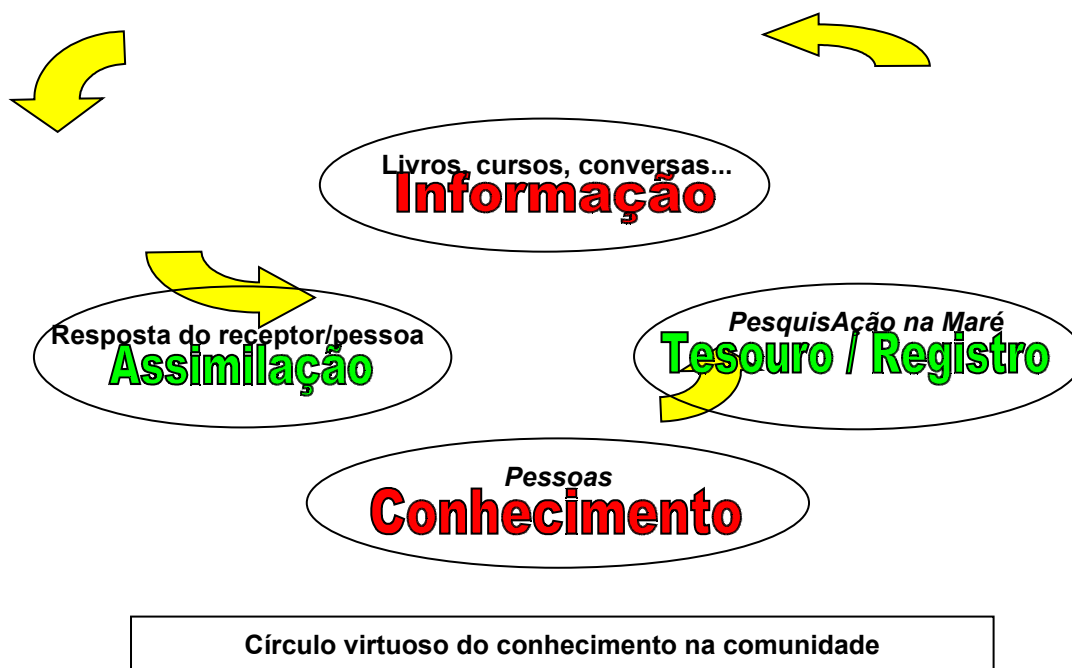


Ilustração 1: Processo Informação \rightleftharpoons Conhecimento (CHALAÇA, 2006)
 Fonte: Equipe PesquisAção na Maré, 2006.

A ilustração 1 representa, como vemos na comunidade, a relação entre a informação e o conhecimento. A Informação está nos cursos, livros, conversas, reuniões, e pode ser Assimilada de acordo com a resposta do receptor, cada uma das pessoas, gerando o Conhecimento que, quando registrado, gera nova Informação. Esse fluxo, ou relação entre informação e conhecimento, é o que chamamos de Círculo Virtuoso do Conhecimento na Comunidade.

A seguir, clarificamos nossa abordagem, que articula os conceitos de informação, conhecimento e pessoas como fontes de informação, com o propósito de empreender e compreender o processo de transformação do conhecimento popular em informação registrada.

3.1 E sobre a *informação*?

Os conceitos de informação são diversos. Muitos teóricos da área da Ciência da Informação se decidiram por um ou outro conceito, e alguns criaram, a partir desses, conceitos uma definição própria. Para Carvalho (1999, p.54), a informação vem sendo

utilizada para significar mensagens, notícias, sugestões, dentre outros. Wersing e Neveling (1975) analisam o termo, baseando-se na estrutura das relações entre as pessoas e o mundo. Belkin e Robertson (1976), baseando-se no conceito de Wersing e Neveling (1975), definem informação como “aquilo que é capaz de transformar estruturas”. Dentro da proposta deste artigo utilizamos a definição de informação proposta por Barreto (1996): “Estruturas significantes com a competência de gerar conhecimento no indivíduo, em seu grupo, ou na sociedade”. Nessa perspectiva, adotamos a proposição de Araújo (1994), citada por Freire (2001), de que

...a informação é a mais poderosa força de transformação do homem [o] poder da informação, aliado aos modernos meios de comunicação de massa, tem capacidade ilimitada de transformar culturalmente o homem, a sociedade e a própria humanidade como um todo. (ARAÚJO, 1994 citada por FREIRE, 2001, p.106)

Muitas das informações aqui registradas, a partir da entrevista com uma fonte de informação, conhecimento local pode ser classificado como informações utilitárias, que Campello define como

...informações de ordem prática, que auxiliam na solução de problemas que normalmente aparecem no cotidiano das pessoas, desde os mais simples até os mais complexos, abrangendo, por exemplo, assuntos ligados à educação, emprego, direitos humanos, saúde, segurança pública e outros. (CAMPELLO, 1998, p.41)

Este artigo foi contextualizado teoricamente com base nesses conceitos, que nos pareceram mais proveitosos para abordagem dos moradores das comunidades como “agentes de informação”, ou “mediadores”, da informação.

3.2 E sobre o *conhecimento*?

O conhecimento é o resultado do processo de “assimilação da informação”, que provoca uma alteração na estrutura cognitiva do indivíduo, conforme proposto por Belkin e Robertson (1976) e retomado por Barreto (1994, p.5), em uma perspectiva coletiva: “Para intervir na vida social, gerando conhecimento que promove o desenvolvimento, a informação necessita ser transmitida e aceita como tal, provocando assim uma alteração

na estrutura do sujeito”. No campo da informação Barreto (1996, p.3) denomina os acervos de bibliotecas como “estoques estáticos” de informação, “indispensáveis ao processo de geração de conhecimento. Porém, por si só não efetivam este processo”.

Segundo Choo (2000), que aborda a compreensão do conhecimento a partir das organizações, o que encontramos numa comunidade pode ser identificado como “conhecimento tácito”, definido como “o conhecimento pessoal usado por membros [de uma organização] para executar seu trabalho e fazer o sentido de seus mundos”, um tipo de conhecimento que pode ser “transferido e compartilhado”.

3.3 E sobre as *peessoas*?

Nossa pesquisa aborda as pessoas de uma comunidade como fontes e agentes de informação da cultura local. O que vamos revelar é o que Pereira e Freire (1998) definem como “estoques dinâmicos”, pois dinâmico estaria “representado pelo conhecimento técnico do agente de informação”. No artigo, os autores abordam os professores da Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro como mediadores entre a informação — o conhecimento tácito de Choo (2000) — e seus usuários finais, os alunos. Para ambos (1998), o professor é um “estoque dinâmico”, uma fonte de informação que atualiza suas “estruturas de conhecimento” (cf. Belkin e Robertson, 1976). Em nosso trabalho esses “estoques dinâmicos” são os cidadãos que se destacam pela aquisição e uso do conhecimento, nas comunidades da Maré. Vemos em Campello (1998, p.41) que os contatos pessoais estão entre os mais utilizados pelas pessoas. A facilidade de acesso e o fácil manuseio são características da transferência de informação oral. Nesse contexto, acrescenta a autora, “a biblioteca deve manter a dimensão da oralidade no fornecimento de informação” (CAMPELLO, 1998, p.41), não dispensando com isso seus outros recursos e muito menos deixando de zelar pela veracidade e correção das informações recuperadas e disseminadas.

Quando já havíamos concluído a pesquisa, encontramos nos Anais do VI Encontro Nacional de Ensino e Pesquisa em Ciência da Informação uma comunicação de Pinheiro (2006) sobre o Projeto: Mapeamento do conhecimento social, em desenvolvimento na cidade de Alagoinhas (BA) pela Universidade do Estado da Bahia, Campus II. No caso, trata-se de pesquisa “voltada para a gestão e difusão social de

conhecimento [...] que tem na produção de um software de mapeamento do processo de produção de saberes e conhecimento científico seu objetivo principal” (PINHEIRO, 2006), diferentemente da nossa proposta que se apóia exclusivamente em tecnologias intelectuais qualitativas de registro, tratamento e comunicação de informações a partir de depoimentos.

Na experiência que estamos relatando, o principal objetivo foi transformar o conhecimento oculto em informação a partir de entrevistas com pessoas da comunidade, trabalhando esses depoimentos com técnicas de história de vida, análise de conteúdo e edição de textos, como explicitado a seguir (cf. CAMPELLO, 1998; CARVALHO, 1999; MINAYO, 1994; THIOLENT, 2000).

4 METODOLOGIA

Nosso espaço de atuação, no presente trabalho, foi o bairro da Maré e fornecemos indícios, no Breve Histórico apresentado, de sua significativa importância no contexto social da cidade do Rio de Janeiro ao citarmos todas as suas comunidades. Das pessoas identificadas como fontes de informação na comunidade, selecionamos nossa primeira entrevista registrada e editada, porém, antes de apresentarmos este primeiro fotograma do nosso filme-documentário, descreveremos o processo de desenvolvimento da pesquisa.

Definidos os conceitos, a partir de estudos, encontros e reuniões, foi realizado o levantamento bibliográfico acerca do tema proposto e discutida qual metodologia poderia articular a teoria e a ação proposta na pesquisa. Para alcançar os objetivos propostos para o trabalho, utilizamos a metodologia da pesquisa-ação, definida por Thiollent (2000) como

...um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e na qual os pesquisadores e os participantes estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLENT, 2000, p.14)

A metodologia aplicada, “além da participação, supõe uma forma de ação planejada de caráter social, educacional” (THIOLENT, 2000, p.7). Nessa perspectiva foi que surgiu

a proposta de formação do Grupo PesquisAção na Maré. Coordenado por Anderson Morais Chalaça, o Grupo contou com as adesões de Jean Maciel (graduado em Arquivologia) e Thabata Morra (graduanda em Biblioteconomia)¹, além dos professores doutores Isa Freire e Marcos Miranda².

As possíveis fontes de informação na Maré foram identificadas a partir de seus ofícios — curandeiro, pedreiro, pintor, parteira, mecânico, agente de saúde entre outros — e do tempo de residência na comunidade. Para chegar a essas pessoas, ou fontes de informação, foi inestimável a contribuição do Grupo PesquisAção na Maré, cujos participantes consultaram pais, amigos e vizinhos sobre as pessoas/fontes que conheciam. Essa forma de trabalho encontra respaldo na metodologia aplicada, pois “na pesquisa-ação os pesquisadores desempenham um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas” (THIOLLENT, 2000, p.15). Após a identificação de algumas pessoas, o próximo passo foi a seleção da pessoa com a qual realizaríamos a entrevista, cumprida em duas etapas.

Primeiro, fizemos um contato preliminar seguido de entrevista de prospecção, e depois foi realizada a entrevista propriamente dita. Foi elaborado um formulário para esta entrevista de prospecção, com questões básicas como dados pessoais, ofício, formação escolar, tempo na comunidade, disponibilidade de horário entre outros. Este momento foi importante para envolver o entrevistado, como participante da pesquisa. Foi também, possível identificar alguns possíveis “ruídos” no local onde seria realizada a entrevista, tais como nível de barulho externo, ventilação, luz, dificuldades pessoais dos entrevistados (falar baixo, ser tímido...). Após este momento, tanto o entrevistado como os entrevistadores sentiram-se mais íntimos para iniciar o processo de registro do conhecimento na entrevista.

Na segunda etapa, utilizamos como instrumento de coleta de dados um roteiro estruturado, visando a conduzir os entrevistadores aos temas abordados na prospecção, o que não impediu novos rumos na conversa, se configurando ao final como uma

¹ Os quais participaram das discussões sobre o quadro teórico e metodológico, do processo de identificação das pessoas/fontes de informação na comunidade, da seleção da pessoa a ser entrevistada, da elaboração do roteiro e da realização das entrevistas.

² Orientadores do trabalho de conclusão de curso de graduação de Anderson Morais Chalaça, na Escola de biblioteconomia da UNIRIO (2006).

proposta de interatividade. Os entrevistados sempre tinham muito para contar, faziam seu papel de agentes/mediadores da informação como “gente grande”. A entrevista foi realizada com registro de áudio e imagem produzido pelo Grupo PesquisAção na Maré. Em seguida fizemos a transcrição da entrevista, trabalho que consumiu muito tempo, mas que a agilidade na digitação e um bom áudio ajudaram a realizar no menor tempo possível. Utilizamos para transcrição a norma para texto falado utilizada por Heinisch (2003). Assim, após a transcrição da entrevista na íntegra, chegamos à edição do texto, com vistas à categorização do discurso para disseminação no sítio virtual.

5 FONTES DE INFORMAÇÃO PESSOAIS NA MARÉ

As pessoas identificadas como fontes de informação foram Sr. José Ivan, mineiro, Serralheiro e morador da comunidade da Vila do Pinheiro; D.Luzia, paraibana, Agente de Saúde aposentada, também moradora da comunidade da Vila do Pinheiro; Sr. Elio, baiano, motorista aposentado e morador da comunidade Conjunto Esperança; D. Graça, carioca, Agente de Saúde e também moradora da comunidade Conjunto Esperança. No presente trabalho apresentamos D. Luzia, nosso primeiro “estoque dinâmico de informação” registrado e editado, pois em função de exigência cronológica não foi possível finalizar a transcrição e edição das outras entrevistas. Contudo, os registros em áudio das demais entrevistas estão sendo transcritos e editados para serem disponibilizados em sítio virtual.

5.1 Um tesouro de conhecimentos na comunidade

A seguir, apresentamos a edição do texto da entrevista com D. Luzia, a partir da transcrição da entrevista:

D. Luzia nasceu em Belém da Paraíba e “vai fazer trinta e nove anos” que aportou na Maré, em Nova Holanda, na casa dos irmãos. Ela se lembra como era a Maré quando chegou à comunidade: “Era um desastre! Só lama. E aquelas palafitas! E era só maré, aquela maré alta! Como eu trabalhava fora, só vinha final de semana, não tenho muita historia para contar, de gente que caiu dentro da maré. Eu nunca caí! Dentro da maré braba mesmo, muita gente caía, né? As criança caíam... Em Nova Holanda era uma maré alta assim! Quando chovia entrava água dentro das casas. Mas eu não tive essa historia, não”.

A vida melhorou quando D. Luzia se mudou para a Vila do Pinheiro. E nela, seu coração procurou um caminho para interagir com a comunidade. Depois de três anos, “comecei a trabalhar na Pastoral da Criança, como voluntária. Toda vida fiquei trabalhando aqui, na

Pastoral da Criança. Aí, depois, veio o curso de Agente de Saúde, eu fiz e passei.” No curso de Agente de Saúde, D. Luzia aprendeu “tudo de primeiro socorros, aprendi muita coisa. Fiquei trabalhando como Agente de Saúde comunitário, a gente ia às casas, visitava as pessoas, né? Conversava com as pessoas. E tudo, assim, a gente ficou tomando conhecimento. Depois me avisaram: ‘Olha! Estão chamando gente para trabalhar nos postos de saúde daqui da Maré! Estão levando currículo lá em Ramos’. Aí eu fui lá, levei o meu currículo, e veio o chamado. Fiquei trabalhando ali, no posto Gustavo Capanema. Depois, com um tempo, eu me aposentei. Como Agente de Saúde!”

Trabalhando na Pastoral, D. Luzia procurou se informar sobre oportunidades de aprendizado e ouviu falar de um evento. “Foi a Lurdes, do centro comunitário, quem falou do curso que estava fazendo, na Catedral, que tinha médico e tudo. E que o curso vinha aqui para a Paróquia, que nem era paróquia ainda não, era capela”. Os médicos vieram à Maré, e D. Luzia pode ampliar seu estoque de conhecimentos. Um verdadeiro tesouro!

“Hoje está mais evoluído, né? Porque a gente tem o livro e todo mês a gente vê com a mãe. A gente vai lá, na casa da mãe e vê como que se faz, durante os nove meses. A gente tira aquela parte, lê com a mãe e entrega para ela. Ela vai guardando, vai guardando, todo mês, primeiro segundo, terceiro, quarto mês, até ganhar o neném. Aí, quando ganha o neném, a gente fica acompanhando aquele neném: se ela leva o neném no médico, se leva para fazer o teste do pesinho, para tomar as vacinas, tudo isso a gente fica tomando conta, prá vê se a mãe está fazendo certo ou não”. E segundo D. Luzia, as mães fazem tudo certinho!

Para finalizar, vamos falar na outra paixão de D. Luzia, que também está ligada à Igreja e às crianças. D. Luzia é catequista. “É um trabalho muito gostoso! Eu vou dizer uma coisa prá você: de todos os trabalhos que eu faço na minha vida, o melhor é a catequese! Eu já trabalhei com adolescente, mas não gostei muito não! Adolescente não leva muito em conta o que a gente fala! Mas com criança, assim de oito, nove, dez anos, é muito bom de trabalhar! Porque a gente aprende! A gente ensina e a gente aprende! Porque eles fazem muita pergunta prá gente, e aquilo que eles perguntam a gente vai aprendendo, né?”

Mas também aqui é necessário estudar, antes de ser catequista. São muitos os estoques de informação acrescentados ao conhecimento que D. Luzia tem sobre o mundo, as pessoas e, mais importante, sobre as atividades que desenvolve. “Sempre tem curso de catequese, todo ano tem dois, três! E quando não é uma vez por mês, no final do mês. A gente se ajunta com o padre, com o seminarista e passa a tarde todinha de palestra, eles falando prá gente, ensinando prá a gente coisas como música. A gente sempre está aprendendo, porque sempre tem gente para ensinar prá gente. Na catequese é assim”. A divulgação do trabalho acontece quando tem reunião de coordenadores na Igreja. D. Luzia não é coordenadora, mas como a coordenadora não mora na comunidade, é ela quem sempre está disponível para as reuniões de coordenadores. Há, também, divulgação direta na Igreja, mas deveria “ter na comunidade inteira, né? Porque a Pastoral da Criança não pertence só à Igreja, não só é de católico, é ecumênico, de qualquer religião”.

Quem aprendeu ensina!

Os conhecimentos que D. Luzia adquire não ficam guardados para ela, não. “Tudo que eu sei, eu repasso para as crianças!”. E ressalta, “Tudo o que eu sei, na minha vida, falo para eles, o que eu sei de religião, ensino, o que eu aprendo, passo prá eles. Quando é musiquinha eu ensino para eles, quando é dinâmica eu ensino para eles.” D. Luzia tem um amigo fiel, o livro: “eu pego num livro que tem teatro, e faço com eles”. E como boa contadora de estória, não deixa de citar algumas leituras, como a “do Filho Pródigo, do Bom Samaritano. No tempo da quaresma que eu faço Procissão de Ramos com eles, eu faço via sacra”.

Com muito orgulho D. Luzia fala dos resultados da transferência de seus conhecimentos. “Tenho uma [aluna] que é catequista e outra também quer ser. Muitos dos meus alunos já querem ser catequistas! Muitos não são catequistas, mas fazem parte da igreja, ficam sempre se confessando, sempre indo lá pra missa... Eu sempre vejo e fico contente com isso! Fico muito contente, também, quando as mães me procuram e dizem ‘meu filho era tão rebelde, meu filho não fazia isso ou não fazia aquilo, mas depois que entrou na catequese está tão bom, melhorou tanto!’ E a gente fica comovida, né?”

D. Luzia compartilha seus conhecimentos sem tabus: “Eu falo de sexo pra eles, falo de drogas, tudo eu falo prá eles, tudo eu ensino. Falo ‘aqui na catequese é uma santidade, aqui, entre essas

paredes, vocês não tão vendo nada, não tão vendo violência, mas se vocês saírem dessa porta prá fora vocês vêem de tudo. E eu não quero passar dois anos dando catequese prá depois vocês seguirem outro caminho. Vou sentir muito desgosto se isso acontecer, eu ensino a vocês para quando saírem daqui serem pessoas de bem, sabendo se respeitar”.

Registro do conhecimento

D. Luzia fala sobre a possibilidade de ver seus conhecimentos registrados, e do que já registrou. “Eu tenho um livro, um caderno em que comecei a escrever a minha vida, desde quando me entendi de gente até agora. Se eu fosse ... minha vida e botar no caderno dava uma história, dava uma novela.”

No momento da entrevista D. Luzia informa que, atualmente, não conhece nenhuma biblioteca na comunidade, mas esclarece que a comunidade já teve uma e que ela foi usuária. “Eu nunca fui numa biblioteca, mesmo, conheci aquela do Centro Comunitário, a biblioteca de Madre Cabrine, que acabou, né?” Essa biblioteca era uma das fontes de atualização da D. Luzia: “Eu freqüentava, tinha muito livro e eu ficava lá, lendo livro”. A equipe, interessada em saber mais, pergunta que fim teve a biblioteca e quem a organizou: “Quem montou foram os Cabrinianos e tinha muito livro bom. Quando acabou, começaram a vender, a dar os livros, e eu comprei um ‘bocado’ de livro de lá, da biblioteca”.

A disponibilidade de recuperação da informação em estoques estáticos (em bibliotecas, centros de documentação, bases de dados e outros) tem um reconhecimento justificado por D. Luzia: “Ajudaria, porque a pessoa quer fazer uma pesquisa, né? Ai vai prá biblioteca e pega aquele livro que a pessoa precisa. Ai a pessoa vai certinha na pesquisa que ela tem que fazer. Por isso acho muito bom” A dificuldade na recuperação da informação também é colocada, quando D. Luzia fala ao grupo de pesquisa que as crianças vão à sua casa em busca de livros. “As crianças ficam aqui, atrás de Mimi (genro), atrás de Jaqueline (filha), atrás de livro emprestado prá fazer aquela pesquisa, aquele trabalho. Se tivesse uma biblioteca eles vinham aqui? Eles não vinham, iriam direto na biblioteca, né? Eu acho!”

Aqui se percebe quanto uma biblioteca pode ajudar as pessoas a pensar e desenvolver seu potencial criativo, apoiando suas atividades produtivas e criando a possibilidade de uma consciência crítica (cf. MILANESI, 1989). Percebe-se, também, a responsabilidade social (cf. Freire) dos bibliotecários e demais profissionais da informação, no sentido de criar oportunidades de acesso à informação para a população economicamente desfavorecida.

Entusiasmada D. Luzia, demonstra que a teoria caminha com a prática: “A gente que trabalha nessa área da saúde tem que saber fazer qualquer coisa de primeiros socorros. Porque, às vezes, a gente tá num canto e alguém passa mal e não sabe a causa. Às vezes tem diabetes e foi a glicose que baixou, às vezes a pressão subiu, e a gente tem que ajudar, né?”. E reafirma seu compromisso com a comunidade: “Olha, eu sou agente de saúde aposentada, mas não deixei minha função, não! Onde eu estiver, se uma pessoa precisar de mim eu ajudo. Eu aprendi pra isso, né? Eu não aprendi só por causa do dinheiro. Sei que tem gente que trabalha por causa do dinheiro, mas tem o profissional que trabalha por amor, que faz as coisas por amor. Tudo que eu faço, faço por amor”.

A partir da formatação do texto, discutimos a proposta do sítio virtual com os orientadores e o Grupo Pesquisa na Maré, chegando ao desenho, a seguir. Ainda não está disponível, mas esperamos fazê-lo, em breve, “Pela Internet”, de modo a dar visibilidade a essas fontes de informação que são tesouros de conhecimentos das comunidades da Maré.

UNIRIO

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Escola de Biblioteconomia

IBICT

Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
Grupo de Pesquisa Informação e Inclusão Social

MaréCheia

Serviço de Educação e Cultura Popular da Maré

PESSOAS COMO FONTES DE INFORMAÇÃO *O tesouro de conhecimentos das comunidades da Maré*

História na comunidade

O exercício da aprendizagem

O exercício da aprendizagem

Quem aprendeu, ensina!

Saber global X Saber local

UMA AGENTE DA VIDA NO NOSSO COTIDIANO



Conheça D. Luzia e suas experiências de trabalho Na comunidade da Maré. Ela ensina noções de primeiros socorros, inclusive uma inusitada forma de ajudar alguém que está sofrendo um infarto, e revela um método popular para medir a pressão arterial. Descubra como as crianças e a Igreja são importantes para essa Agente da Vida e como a Internet aportou em sua casa, na Vila do Pinheiro. E saiba como o amor pode transformar problemas em desafios, tornando a vida mais produtiva.

Projeto experimental do Grupo PesquisAção na Maré [[Ficha técnica](#)]

Ilustração 2 - Sugestão para o layout da página, a partir do registro do “estoque de informação” (FREIRE, 2005)

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos, no desenvolvimento desta pesquisa, que ainda não temos no campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação uma literatura consolidada abordando pessoas comuns como fontes de informação, cidadãos como os das comunidades da Maré. Mas acreditamos que bibliotecários e demais profissionais da informação devem estar abertos para os recursos da oralidade, marcados pela presença de informações utilitárias. Nesse sentido, destacamos o Manifesto da Unesco para as Bibliotecas Públicas, que sugere que as bibliotecas (e, por extensão, os bibliotecários) abandonem suas abordagens tradicionais marcadas pelo atendimento a alguns segmentos da sociedade

que dominam o processo de letramento, passando a atender, também, aos usuários que por suas desvantagens socioeconômicas e culturais utilizam, principalmente, a comunicação oral para obter informações.

Entretanto, como esperamos ter demonstrado no presente artigo, um processo leva ao outro, pois abordamos um “estoque dinâmico”, uma “agente de informação”, e podemos perceber que a comunicação oral levou-a ao interesse pela informação registrada no processo de geração de conhecimento. Neste contexto, bibliotecários e outros profissionais da informação podem contribuir tanto para formalização da mediação entre “estoques dinâmicos de informação” e seus usuários potenciais, quanto para a própria atualização desses “agentes”, na comunidade. A nosso ver, fazem parte da “responsabilidade social” desses profissionais descobrir pessoas/fontes numa comunidade, registrar seus tesouros de conhecimentos, transformar esses tesouros em informação e disseminá-la — como nos propusemos com o sítio virtual das comunidades da Maré.

Observamos também, pela perspectiva do usuário, a necessidade, importância e utilidade de um serviço público ainda não disponível no bairro: Bibliotecas. Esse equipamento cultural tem grande importância para a sociedade da informação, podendo gerar acesso a fontes de informação relevantes para a comunidade, contribuindo, também, para a prática social do bibliotecário e outros profissionais enquanto “agentes de informação”. Atualmente, como vimos, a disponibilidade de acesso a fontes formais de informação é mínima, para o nível exigido na sociedade contemporânea. E grande parte do acesso à Internet se restringe a lan houses, estabelecimentos comerciais para jogos em rede, e algumas instituições que possibilitam o acesso a preços populares.

A metodologia da pesquisa-ação, adotada no trabalho, foi importante em todo o processo da pesquisa, quando pudemos observar o quanto à interação entre pesquisadores e sujeitos no campo empírico da pesquisa enriquece um trabalho acadêmico, não eximindo as exigências científicas, mas trazendo à prática as teorias que fundamentam a abordagem. Por sua vez, nossa experiência com o trabalho no Grupo Pesquisa na Maré demonstra como uma equipe motivada e informada pode, a partir da consciência de uma ação em comum, promover o desenvolvimento de uma pesquisa. Em termos de aquisição de novos conhecimentos, temos aberto oportunidades para a criação de um conhecimento coletivo.

Nos encontros de trabalho, os questionamentos, as análises e avaliações, as sugestões e outras atividades, foram muito importantes para o melhor andamento possível da pesquisa que relatamos aqui, e continuarão sendo para a pesquisa que continua. Os companheiros Jean Maciel e Thabata Morra tiveram papel preponderante no desenvolvimento do trabalho no campo empírico, enquanto os companheiros Isa Freire e Marcos Miranda foram fundamentais para a definição do quadro teórico e metodológico da pesquisa.

Assim, consideramos que nosso propósito, foi alcançado: identificamos pessoas que são fontes de informação em comunidades do bairro Maré, na cidade do Rio de Janeiro. Visando a continuação do trabalho, estamos promovendo o registro e disseminação dessas fontes na Internet. Um sítio virtual, onde as experiências que iremos trocar com outras pessoas, estoques dinâmicos de informação na Maré, serão narradas, nesse trânsito da oralidade à escrita, fazendo parte, também, do Tesouro de Conhecimento das comunidades da Maré.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Vânia M. R. Hermes de. **Ciência, Tecnologia e informação como questão nacional no Brasil**. Rio de Janeiro: 1989. 33p. (Inédito).

ARAÚJO, Vânia M. R. Hermes de; FREIRE, Isa Maria. A rede internet como canal de comunicação, na perspectiva da ciência da informação. **Transinformação**, v.8,n.2, 1996.

BARRETO, Aldo de A. A eficiência técnica, econômica e a viabilidade de produtos e serviços de informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v.25, n. 3, 1996.

_____. A questão da informação. **SP em Perspectiva**, v.8, n.4, out/dez. 1994.

BELKIN, N.J.; ROBERTSON, S.E. Information science and phenomenon of information. **JASIST**, Silver Spring, v. 27, no. 4, p.197-204, July/Aug. 1976.

BUENO, Márcio. **A origem curiosa das palavras: e/ou dos significados**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

CAMPELLO, Bernadete Santos. Fontes de informação utilitária em bibliotecas públicas. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 22, n. 1, p. 35-46, jan/jun. 1998.

CARVALHO, Eduardo C. A natureza social da Ciência da Informação. In: PINHEIRO, Lena V. R. (Org.). **Ciência da Informação, Ciências Sociais e interdisciplinaridade**. Brasília: IBICT, 1999. p.51-63.

CEASM - CENTRO DE ESTUDOS E AÇÕES SOLIDÁRIAS DA MARÉ (Rio de Janeiro). **Quem somos? Quantos somos? O que fazemos?: a Maré em dados: Censo 2000**. Rio de Janeiro: Maré das Letras, 2003.

_____. **Instituições do bairro Maré: dados gerais.** Rio de Janeiro: Maré das Letras, 2004.

_____. **Comunidades da Maré.** Rio de Janeiro: Ceasm, 2006. Disponível em: <http://www.ceasm.org.br>

CHOO, Chun Wei. Working with knowledge: how Information professionals help organizations manage what they know. **Library Management**, v. 21, n. 8, p. 395-403. 2000.

FAVELA tem memória. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://www.favelatemmemoria.com.br/default2.asp>

FREIRE, Isa Maria. Barreiras na comunicação da informação tecnológica. **Ciência da Informação**, DF, v.20, n.1, p..51-54, jan./jun. 1991.

_____. A utopia planetária de Pierre Lévy: uma leitura hipertextual d'a inteligência coletiva. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.10, n.2, 2005. Disponível em www.isafreire.pro.br

_____. **A responsabilidade social da ciência da informação e/ou O olhar da consciência possível sobre o campo científico.** 2001, 162 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Convênio CNPq/IBICT – UFRJ/ECO, 2001.

HEINISCH, Liana Miriam Miranda. **Otimização da entrevista médica.** 2003. 136 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) –Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

MILANESI, Luis. **Ordenar para desordenar: centros de cultura e bibliotecas públicas.** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 22. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

PEREIRA, Armando Carvalho; FREIRE, Isa Maria. Atualização técnico-científica do professor do ensino médio: uma abordagem na ciência da informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.3, n.2, 1998.

PINHEIRO, M.T. Projeto: mapeamento do conhecimento social. VI CIFORM – Encontro Nacional de Ensino e Pesquisa em Ciência da Informação, 14 a 17 de junho, Salvador, BA. **Anais.** Salvador: UFBA, 2006.

RIO DE JANEIRO (Cidade). Lei Nº. 2.119, de 19 de janeiro de 1994. Cria o Bairro de Maré na XXX Região Administrativa e outras providências. **Diário Oficial**, p. 35.

O QUE são fontes de informação. **Biblioteca virtual em saúde.** Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://bvsmodelo.bvsalud.org/myfaq/index.php?action=artikel&cat=1&id=26&artlang=pt>

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** 10. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

WERSIG, G.; NEVELING, U. The phenomena of interest to Information Science. **The Information Scientist**, London, v. 9, no. 4, p. 127-140, dec. 1975.

ABSTRACT

This work is a presentation of research results in an exploratory level as a graduation monograph. The aim of the work was to approach people common citizens as information fonts related to determined community in the perspective of the social responsibility of the librarian professional. The research environment dealt was the Maré neighborhood and its communities. The methodology used was research-action in order to create a research staff to investigate the existence of these people and their actions as information fonts in the community. The work also aimed to make the “invisible” more visible, identifying where and how search, recall and information use is done through people that gather knowledge in a referred community. Thus a structures interview technique was used to register the information fonts’ knowledge, their occupations and talents; making the revelation of how the knowledge was acquired as well as its transmission to other people. The interview was Transcribed and edited being designed into a virtual format in a site that contains the knowlegde Treasure in Maré Neighborhood.

KEYWORDS: Information source - People. Social Communication - Memory. Information Management. Social responsibility.

Originais recebidos em: 07/05/2007

Texto aprovado em: 14/09/2007